

REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS A RESPEITO DE UMA INTERFACE SOCIOFUNCIONALISTA

THEORETICAL-METHODOLOGICAL REFLECTIONS ABOUT A SOCIOFUNCTIONALIST INTERFACE

Edair Maria Görski

Universidade Federal de Santa Catarina

Maria Alice Tavares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/CNPq

RESUMO

A orientação de pesquisa denominada “sociofuncionalismo” tem se dedicando à investigação de fenômenos de variação e de mudança linguística. Essa orientação de pesquisa busca articular, para a análise e a explicação de fenômenos variáveis, pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico norte-americano/linguística baseada no uso. Neste texto, identificamos divergências e convergências existentes entre premissas que constituem os arcabouços da Sociolinguística e do Funcionalismo. Além disso, descrevemos e ilustramos procedimentos metodológicos geralmente adotados em pesquisas desenvolvidas à luz da interface sociofuncionalista.

Palavras-Chave: Sociolinguística Variacionista; Funcionalismo Linguístico; interface.

ABSTRACT

The research orientation called “sociofunctionalism” has been dedicated to the investigation of phenomena of variation and language change. This research orientation seeks to articulate, for the analysis and explanation of variable phenomena, theoretical and methodological assumptions of variationist sociolinguistics and American functionalism/usage-based linguistics. In this paper, we identify divergences and convergences between assumptions that constitute the frameworks of sociolinguistics and functionalism. In addition, we describe and illustrate methodological procedures usually applied in researches conducted in the light of sociofunctionalist interface.

Keywords: Variationist Sociolinguistics; Linguistic Functionalism; interface.

INTRODUÇÃO

‘Sociofuncionalismo’ é um rótulo que pode recobrir diferentes tipos de enfoque que envolvam pressupostos da Sociolinguística e do Funcionalismo Linguístico, daí a necessidade de se especificar os campos dessas áreas a serem considerados numa proposta de interface. A abordagem sociofuncionalista tratada aqui articula pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista¹ e do Funcionalismo de vertente norte-americana – também denominado mais recentemente como teoria baseada no uso (BYBEE, 2010)².

Neste trabalho, temos o objetivo de discutir questões de natureza epistemológica e heurística envolvidas na construção dessa abordagem de interface teórico-metodológica. Para tanto, na primeira seção, refletimos sobre convergências e divergências existentes entre premissas que constituem os arcabouços da Sociolinguística e do Funcionalismo. Na segunda seção, apresentamos pressupostos teórico-metodológicos dessas duas áreas que são similares e que representam, portanto, as pedras de fundamentação para a construção da abordagem sociofuncionalista de que trata este artigo. Na terceira seção, ilustramos, com base em Reis (2003), procedimentos metodológicos geralmente seguidos em pesquisas desenvolvidas nesse tipo de interface sociofuncionalista.

1. Divergências e convergências entre a Sociolinguística e o Funcionalismo

No contexto estruturalista que dominou os estudos linguísticos no século XX por cerca de cinquenta anos, a Sociolinguística Variacionista – cujos fundamentos se encontram em Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (2008 [1972]; 1982) – surge, nos Estados Unidos, rompendo o axioma da homogeneidade linguística e da imanência ao postular o princípio da heterogeneidade ordenada, que se manifesta e é captada na comunidade de fala, e retomar a ideia de Meillet (1948 [1912]) de que mudanças na

¹ Também chamada de Teoria da Variação e Mudança Linguística, Sociolinguística Laboviana ou Sociolinguística Quantitativa; por vezes, simplesmente Sociolinguística.

² Bybee (2010, p. 195) afirma que a “teoria baseada no uso se desenvolveu diretamente e é, em certo sentido, apenas um novo nome para o funcionalismo norte-americano”, representando uma “extensão das abordagens desenvolvidas na Linguística Cognitiva e na Linguística Funcional” (BYBEE, 2012, p. 2). As traduções apresentadas neste artigo são de responsabilidade das autoras.

estrutura linguística refletem mudanças na estrutura social. Também nos Estados Unidos, a década de 1970 presencia o movimento funcionalista liderado principalmente por Givón (1979) – e engrandecido por Hopper, Traugott, Thompson, Bybee, entre outros –, que postula a não autonomia da estrutura, a correlação icônica entre função e forma no sentido de que a forma da língua é determinada pela função a que ela serve, e a descrição da linguagem humana a partir de princípios comunicativos.

Desde a década de 1980, pesquisas de orientação sociofuncionalista dedicam-se ao estudo de fenômenos de variação/mudança linguística, acionando, para a análise e a explicação desses fenômenos, pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico norte-americano. Deparamo-nos, no entanto, com o seguinte dilema epistemológico: em que medida podemos tomar pressupostos de cada teoria e simplesmente reuni-los num somatório (Sociolinguística + Funcionalismo), sem ferir a “racionalidade da ciência” (BORGES NETO; MÜLLER, 1987)? Cabe aqui um parêntese. Borges Neto e Müller (1987) criticam a proposta de Tarallo (1986) de busca de soluções complementares para problemas de análise, mesmo que isso implique “um certo descomprometimento com o modelo” adotado pelo pesquisador (Tarallo falava de abordagens formal e funcional para dar conta da análise de construções de topicalização e deslocamento à esquerda). Para os autores, a proposta de Tarallo não se sustenta epistemologicamente, uma vez que dois programas de investigação distintos não podem admitir “soluções de compromisso”; nesse caso, deveriam ser sintetizados em um “terceiro programa, com núcleo e heurísticas próprias” (p. 91). É a ideia de uma terceira via de abordagem que motiva a discussão apresentada neste artigo.

Do lado da Sociolinguística, existe uma barreira a ultrapassar, pois Labov, em várias passagens de sua obra, rejeita explicitamente uma associação com postulados funcionalistas tomados em caráter explanatório, inclinando-se para o modelo formal chomskiano. Em entrevista à Revista *Letra Magna*, Labov (2005) declara textualmente:

Há duas grandes direções da pesquisa linguística hoje. Uma é descobrir as propriedades universais da faculdade da linguagem – a busca pela Gramática Universal nos termos de Chomsky. Este é um aspecto muito importante do

estudo lingüístico, e eu tento fazer uso dos resultados desse trabalho tanto quanto possível. A outra direção é examinar os aspectos da linguagem que não são universais: aqueles que podem mudar e mudam.

Após examinar uma série de fenômenos variáveis de natureza fonológica e morfológica (e mesmo sintática), Labov não hesita em afirmar que “os resultados favorecem a visão (neogramática) de que a mudança linguística é [...] mecânica” (1994, p. 568). No clássico estudo da passiva sem agente, por exemplo, Weiner e Labov (1978) afirmam que o uso da variante passiva é condicionado sintaticamente, por um efeito mecânico (paralelismo formal). Sob essa perspectiva, temos um problema a ser contornado: se os condicionadores são estruturais ou mecânicos, qual o espaço para hipóteses funcionais? Na visão de Camacho (2003), “as posições assumidas por Labov impedem o alinhamento da sociolinguística variacionista com qualquer tipo de enfoque funcional” (p. 64).

Do lado do Funcionalismo, também existem obstáculos a serem superados. Se assumirmos uma perspectiva funcionalista radical, como a de Bolinger (1977) – de que a condição natural da linguagem é preservar uma forma para um significado e um significado para uma forma, numa correlação biunívoca entre forma e função (versão forte do princípio da iconicidade) –, não há conciliação teórica possível, pois simplesmente não haveria variação.

Não obstante os problemas apontados acima, há aspectos, no seio de cada teoria, que acenam para a possibilidade de uma aproximação teórica entre as duas abordagens. Um desses aspectos diz respeito ao nível gramatical dos fenômenos em variação. Segundo Labov (1978), o principal objetivo da teoria sociolinguística é predizer a distribuição provável na língua de informação nos níveis fonológico, prosódico, morfológico, sintático etc., de modo a se obter um retrato da estrutura gramatical da língua. Em nota, Labov (1982) reafirma que o termo gramática é usado num sentido geral, para indicar o sistema linguístico como um todo, incluindo a fonologia, o léxico e sua organização semântica. Assim, ao se estender o nível linguístico de análise, fenômenos variáveis de natureza funcional podem vir a se constituir em objeto de investigação sociolinguística. Por outro lado, na perspectiva funcionalista, o afrouxamento na correlação

biunívoca idealizada entre forma e função – admitindo-se que a iconicidade na gramática não é absoluta mas gradiente (GIVÓN, 1995; 2001), e que essa correlação se perde por pressões diacrônicas que levam tanto ao desgaste do código como à alteração da mensagem (versão branda do princípio da iconicidade) – abre espaço para o tratamento da variação linguística, pois admite a possibilidade de mais de uma forma para uma mesma função/significação.

Esses movimentos teóricos naturalmente tiveram reflexos no Brasil. No Rio de Janeiro, o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/UFRJ), pioneiro nas pesquisas sociolinguísticas variacionistas no país, com o projeto *Mecanismos Funcionais do Uso Linguístico*, já na década de 1980, passou a abrigar “novas linhas tais como a funcionalista com base em Paul Hopper, Sandra Thompson, Talmy Givón” (SILVA; SCHERRE, 1996, p. 33)³. Estudos com essa orientação passaram a se multiplicar em diversos centros de pesquisa – o que não quer dizer, porém, que a conciliação entre os dois quadros teóricos seja isenta de problemas.

No Brasil, os estudos passaram não só a intensificar e refinar o controle de condicionadores de natureza funcional como também a ampliar o escopo gramatical do fenômeno tomado como objeto de estudo, extrapolando dos limites da oração para o nível multiproposicional do discurso. Se fenômenos de natureza discursiva são recortados como objeto de investigação e diferentes grupos de fatores funcionais são controlados como possíveis condicionadores da variação, é natural e esperado: que se reflita sobre a viabilidade teórico-metodológica de uma interface; que se levantem pontos de convergência e de divergência entre as duas teorias-mães; que se pense na possibilidade de um “terceiro programa, com núcleo e heurísticas próprias” (BORGES NETO; MÜLLER, 1987, p. 91).

Antes de passarmos à seção seguinte, que procura compatibilizar pressupostos das abordagens teórico-metodológicas da Sociolinguística e do Funcionalismo, donde resulta uma terceira abordagem – o Sociofuncionalismo –, convém pontuar algumas passagens em que Labov se posiciona mais amigavelmente em relação a aspectos funcionais da

³ Neves (1999) menciona que foi no PEUL/UFRJ que o termo “sociofuncionalismo” surgiu, em referência a estudos que procuravam integrar diretrizes da sociolinguística e do funcionalismo com o objetivo de analisar tendências de uso variável como sendo reflexo da organização do processo comunicativo.

língua; apresentar a concepção de língua e de gramática de Givón, que abre possibilidade para uma interface; e ainda apontar a posição de ambos os autores acerca da universalidade dos princípios.

Ao tratar de variação social e estilística, Labov (2010) traz à tona as funções da linguagem – representacional ou referencial, expressiva (de identificação do falante) e apelativa ou diretiva (de acomodação ao ouvinte) –, chamando a atenção para o fato de que essas três funções se opõem ao princípio do menor esforço, e admitindo a ideia de funções em competição numa relação de complementariedade, como no caso de ‘menor esforço’ vs. ‘representação’⁴. O autor faz menção às chamadas estratégias de reparo, que compensam a perda de informação representacional, num “processo terapêutico” (por exemplo: na história do francês, quando a informação sobre pessoa e número é perdida pelo apagamento do /s/ final, ela é suprida pela conversão de pronome opcional em clítico pronominal obrigatório). Em relação a mudanças sonoras (foco principal das análises labovianas), contudo, o autor considera que as forças envolvidas são organizadas ao longo de uma dimensão diferente que não responde a considerações de caráter informacional.

Nova aproximação com abordagens de caráter funcional é feita por Labov (2010) quando menciona a variação/mudança de fenômenos em níveis gramaticais mais altos que o fonético-fonológico. Para tratar dessa questão, Labov faz referência a autores funcionalistas como Hopper e Traugott (2003) e Heine e Kuteva (2005), afirmando que “a busca por princípios unidirecionais de mudança tem sido particularmente ativa no estudo da gramaticalização” (LABOV, 2010, p. 120).

Givón (2002, p. 5), por sua vez, num contraponto a Chomsky, considera que:

[a]s pressões adaptativas que dão forma à estrutura sincrônica (‘idealizada’) da língua são exercidas durante a performance on-line. É aí que a língua emerge e muda. É aí que as formas se ajustam constantemente a novas funções e significados estendidos. É aí que a variação e

⁴ Correspondendo, numa perspectiva funcionalista, à ideia de princípios em competição: ‘economia’ vs. ‘iconicidade’, respectivamente.

a indeterminação são componentes indispensáveis dos mecanismos que modelam e remodelam a ‘competência’.

Do ponto de vista tipológico, Givón (2001) defende que os ‘universais’ não precisam ser absolutos, mas envolver tendências, devido à competição de múltiplos fatores (cognitivo-comunicativos, gramaticais, socioestilísticos), de sorte que diferentes línguas podem codificar um mesmo ‘domínio funcional’⁵ por meio de diferentes recursos estruturais, em grau variável de densidade. Labov (1982), por sua vez, observa que os ‘universais’ não são princípios aplicados categoricamente, mas apontam para regularidades ou tendências gerais, uma vez que os fenômenos linguísticos são concebidos como dependentes da estrutura social.

2. Pressupostos teórico-metodológicos em uma interface sociofuncionalista

Nesta seção, damos relevo a pressupostos teórico-metodológicos do Funcionalismo Linguístico e da Sociolinguística Variacionista que apresentam grande similaridade, e, assim, vêm trazendo sustentação à aplicação da abordagem sociofuncionalista ao estudo de fenômenos variáveis. O primeiro dos pressupostos a que nos voltamos é o da variabilidade inerente (LABOV, 2003 [1969]).

Diferentemente da postura linguística dominante na década de 1960, que definia a língua como um sistema estável e homogêneo, Labov assume a perspectiva de que a língua apresenta variabilidade de uso em todos os níveis – os falantes fazem escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou expressões. Segundo o autor, essa diversidade pode ser estudada sincrônica e diacronicamente sob várias dimensões, especialmente sob o ponto de vista social. Nessa perspectiva, a língua deve ser vista não como uma estrutura estática, mas como um sistema social dinâmico, que está continuamente se movendo, mudando e interagindo (cf. GUY, 1995).

A sociolinguística variacionista defende a proposta de sistema linguístico dinâmico como contraponto a duas outras explicações

⁵ Entende-se por domínio funcional uma “área coberta por (macro)funções/significações que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos, recorrente/regularizada, em diferentes níveis” (GÖRSKI, 2012).

inicialmente dadas a fenômenos de variação: formas variantes eram consideradas como partes constituintes de sistemas diferenciados que coexistiam na mesma comunidade ou então como alternativas cuja seleção era livre e imprevisível. Os proponentes da noção de sistemas coexistentes afirmavam que os falantes mantinham fonologias distintas (e, por inferência, também gramáticas distintas) que lhes davam acesso a mais de um código, podendo mudar de um para outro conforme as necessidades comunicativas. Como pertenciam a sistemas diferentes, as formas variantes não deveriam coocorrer. Entretanto, é comum que apareçam juntas em uma mesma situação comunicativa, inclusive na mesma sentença, o que fornece indícios da existência de um sistema único em que convivem formas variantes. Por sua vez, os defensores da ideia de variação livre consideravam que as variantes linguísticas não passavam de flutuações casuais. Todavia, estudos variacionistas feitos na década de 1970 coletaram evidências de variação em larga escala e demonstraram que sua ocorrência na comunidade de fala era sistemática, regular e seguia padrões, não sendo, portanto, fruto de escolhas livres e aleatórias (cf. LABOV, 1972; CHAMBERS, 1995). Nas palavras de Labov (2001, p. 38):

A primeira contribuição feita pela pesquisa sociolinguística, na segunda metade do século XX, foi mostrar que essa variação não era caótica, mas sim bem formada e regida por regras, que era de fato um aspecto da estrutura linguística.

Com base nessa descoberta, a sociolinguística propôs a dissociação entre estrutura linguística e homogeneidade, compreendendo a língua como uma estrutura heterogênea inerentemente variável, sincrônica e diacronicamente, e a variação como passível de descrição sistemática, em função de restrições linguísticas e extralinguísticas (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Além de ser uma característica essencial da língua, a variação é também um pré-requisito para a mudança linguística. O equacionamento de estrutura e heterogeneidade permite romper as fronteiras entre sincronia e diacronia delineadas por Saussure e conservadas por Chomsky, dois grandes nomes da linguística do século XX. Quer façamos um recorte transversal, quer façamos um longitudinal,

encontraremos variação, a qual talvez esteja representando uma etapa de um processo de mudança em andamento que pode eventualmente resultar em mudança categórica em uma sincronia posterior. O ontem e o hoje se imbricam mutuamente: a disseminação da mudança na estrutura linguística e na estrutura social envolve um contínuo de variações e alterações interligadas ao longo do tempo.

O conceito de variabilidade inerente refere-se, pois, à coexistência, na gramática de um mesmo indivíduo, de formas alternativas para expressar o mesmo significado e/ou a mesma função linguística (cf. WATT, 2007), formas essas que são utilizadas variavelmente de um modo regular em termos estatísticos. A existência da variabilidade inerente pode ser considerada “uma das mais importantes descobertas da linguística moderna”, tendo seu estudo se tornado “uma importante área de investigação linguística que ampliou muito nossa compreensão a respeito da variação tanto no tempo quanto no espaço.” (HUDSON, 1997, p. 74).

No âmbito do Funcionalismo Linguístico, também se propõe que a variação está presente nos níveis mais profundos de representação gramatical, sendo, portanto, inerente à língua: “a gramática não é fixa e absoluta, com uma pequena variação salpicada sobre o topo, mas sim é variável e probabilística em sua essência.” (BYBEE; HOPPER, 2001, p. 19). Ou ainda: “a variação encontrada na experiência é representada nos níveis mais profundos de representação, e não tratada como algo que é fixado na beirada da gramática” (BYBEE, 2012, p. 2). Essa visão também é partilhada por Givón (1995), segundo o qual a variação é um fenômeno sempre presente nas gramáticas das línguas. Pesquisadores funcionalistas atribuem a natureza variável da gramática ao fato de ela ser derivada da experiência particular de cada indivíduo com a língua (cf. PIERREHUMBERT, 1994; BYBEE, 2010, 2012).

De acordo com Bybee (2012), a variabilidade inerente é um grande ponto de contato entre o Funcionalismo Linguístico e a Sociolinguística Variacionista. A autora acredita que, em contraste com a Linguística Histórica, a Sociolinguística “é mais propensa a incorporar métodos e ideias da linguística baseada no uso, pois está mais em sintonia com o estudo da língua no contexto e com a variabilidade inerente da língua” (BYBEE, 2012, p. 2).⁶

⁶ Segundo Bybee (2012, p. 2), a Linguística Histórica seria menos permeável a proposições vindas

Além da questão da variabilidade inerente, existem vários pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e do Funcionalismo que guardam semelhança e, assim, podem ser relacionados para o estudo de fenômenos de variação e de mudança linguística.⁷ Entre tais pressupostos, destaca-se a centralidade atribuída ao uso linguístico, uma das pedras angulares tanto da Sociolinguística quanto do Funcionalismo. Para ambas as teorias, o que deve ser alvo das investigações é a língua em uso, em detrimento de qualquer idealização de como a língua deveria ou poderia ser usada (cf. HOPPER, 1987; LABOV, 2008 [1972]; POPLACK, 2011). Assim, o objeto de estudo tanto de pesquisadores sociolinguistas quanto de pesquisadores funcionalistas é a língua utilizada em situações reais, de fala e de escrita, em que indivíduos reais interagem (cf. BYBEE; HOPPER, 2001; LABOV, 2008 [1972]).

Também é digno de nota o papel central atribuído à mudança linguística pela Sociolinguística e pelo Funcionalismo, que compreendem a mudança como um processo contínuo e gradual (cf. GIVÓN, 1995, 2001; LABOV, 2001; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; BYBEE, 2012). Estudos feitos em ambas as perspectivas vêm trazendo evidências de que a mudança é disseminada gradualmente ao longo do espectro linguístico e do espectro social, com incrementações contínuas em termos de frequência de uso (cf. LABOV, 2001; 2008 [1972]; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2012).

Como procedimento metodológico para o estudo da mudança linguística, tanto pesquisadores sociolinguistas quanto funcionalistas recomendam que, sempre que possível, dados de diferentes sincronias sejam tomados complementarmente, vez que, desse modo, será possível a obtenção de prognósticos de mudança mais refinados e confiáveis (cf. HEINE; CLAUDI; HÜMMEMEYER, 1991; LABOV, 1994). No entanto, apesar de uma possível complementariedade entre dados de épocas distintas para a construção de um quadro mais detalhado no que diz respeito à mudança linguística, pesquisadores afiliados às duas teorias em apreço

da teoria baseada no uso pelo fato de que “as noções teóricas invocados na Linguística Histórica muitas vezes fazem suposições estruturalistas e, para os pesquisadores treinados em tais noções, a aceitação de ideias baseadas no uso pode ser difícil, mesmo que elas sejam reveladoras.”

⁷ Para cada pressuposto, citamos, por questão de espaço, uma ou duas obras representativas de cada uma das teorias.

consideram que a melhor fonte para a análise linguística são os dados atuais. A razão é que esses dados permitem uma observação mais direta e completa de um maior número de ocorrências com condições de uso mais facilmente recuperáveis. Com base em dados atuais, é possível, inclusive, a construção de hipóteses acerca de sincronias passadas.

Na Sociolinguística, o presente é considerado uma ótima fonte de explicações sobre o passado da língua em consonância com a hipótese do uniformitarismo, segundo a qual as forças linguísticas e sociais que atuam hoje sobre a mudança são, em princípio, as mesmas que atuaram em épocas passadas (cf. LABOV, 2008 [1972]). Semelhantemente, Bybee (2010, p. 203) sugere que seja assumida a visão de que “os processos de mudança que agiram no passado são os mesmos que agem hoje”. Urge apontar que a concepção de uniformitarismo encontrada em estudos de perspectiva funcionalista foi declaradamente emprestada de Labov, que é citado, a esse respeito, por Traugott e König (1991) e Hopper e Traugott (2003), entre outros.

A possibilidade de um enfoque sociofuncionalista também é respaldada pela importância dada, tanto pela Sociolinguística como pelo Funcionalismo, ao tratamento empírico com quantificação estatística como evidência para atestar fenômenos de variação e mudança (LABOV, 1994, 2001, 2010; GIVÓN, 1995; BYBEE; HOPPER, 2001; BYBEE, 2010). Em ambas as teorias, a frequência das ocorrências recebe destaque. Na perspectiva funcionalista, a frequência de uso é tida como fundamental para o estabelecimento e a manutenção da gramática, e, além disso, acredita-se que a difusão linguística e social da mudança pode ser captada através do aumento da frequência de formas inovadoras em diferentes contextos. Na perspectiva variacionista, o aumento de frequência também é compreendido como índice de difusão linguística e social, e as variantes devem ter certa recorrência para que possam ser comparadas por meio de instrumental estatístico.

É justamente na questão da quantificação estatística que Bybee (2010, p. 114) identifica outro importante ponto de contato entre as abordagens sociolinguística e funcionalista:

Em uma teoria baseada no uso, os estudos quantitativos passam a ser extremamente importantes para a compreensão da amplitude da experiência com a língua. A tradição variacionista iniciada por Labov (1966, 1972), embora destinada à compreensão de como ocorre a interação de fatores sociais com a fonologia e a gramática, também fornece uma metodologia apropriada para o estudo da variação e da mudança gramatical.

Outra semelhança entre as teorias em apreço no que tange à mudança linguística reside nas propostas acerca da disseminação. Ambas as teorias defendem que a mudança se espalha de forma gradual ao longo do espectro social, levando-se em conta fatores como região, geração, classe social, etnia etc. Além disso, consideram que é comum haver diferença entre falantes mais velhos e mais jovens, no caso de mudança em progresso (cf. LICHTENBERK, 1991; LABOV, 2008 [1972]).

Ainda no que se refere à mudança linguística, é importante destacar que a gramaticalização, processo de mudança responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática, vem recebendo grande destaque nos estudos funcionalistas como fonte de explicação para casos de mudança morfossintática (NEVALAINEN; PALANDER-COLLIN, 2011). No âmbito da sociolinguística, como vimos, Labov (2010) também aponta a gramaticalização como uma possível fonte de explicação para a mudança morfossintática.⁸

É justamente a relação entre o processo de gramaticalização e o fenômeno de variação morfossintática que é apontada, por diversos pesquisadores, como um dos pilares que sustenta um duplo olhar funcionalista e sociolinguístico sobre os fenômenos de variação e mudança linguística (cf. TAGLIAMONTE, 2003; POPLACK, 2011; TORRES CACOULOS, 2011, entre outros). Tagliamonte (2002, p. 14), por exemplo, afirma que a gramaticalização “necessariamente produz variabilidade na gramática e essa variabilidade reflete as camadas variáveis da gramaticalização representadas

8 Pesquisadores que desejam abordar a variação e a mudança fonético-fonológica também podem fazê-lo recorrendo ao funcionalismo em busca de explicações. São ótimas fontes de consulta para estudos desse tipo obras como Lindblom (1994) e Bybee (2001), além de vários dos capítulos publicados na coletânea de Bybee e Hopper (2001).

por diferentes formas”.

Finalmente, não podemos deixar de mencionar que, tanto da ótica da Sociolinguística quanto do Funcionalismo, fatores de natureza interacional têm papel importante na variação e na mudança linguística. No âmbito da sociolinguística, Labov (2008 [1972]) compreende a variação estilística como uma adaptação da linguagem do falante ao contexto imediato do ato de fala. No âmbito do funcionalismo, Traugott (2002) não só defende que a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais, como acredita que os estudos funcionalistas de gramaticalização orientados para o falante podem contribuir para o estudo sociolinguístico da variação intrafalante.⁹

Até aqui, viemos traçando um paralelo entre pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norteamericano, pressupostos esses que, por sua similaridade, representam colunas de sustentação para a realização de estudos que abordam a variação e a mudança linguística sob uma perspectiva de interface – a interface sociofuncionalista. Na próxima seção, com o intuito de ilustrar os procedimentos metodológicos tipicamente adotados por pesquisas feitas nessa perspectiva, descrevemos o controle do grupo de fatores *graus de força manipulativa* feito por Reis (2003) em seu estudo sobre a variação entre as formas de indicativo e imperativo na expressão do imperativo em atos de fala não declarativos de comando.

3. Aspectos metodológicos em uma interface sociofuncionalista

Estudos feitos em uma perspectiva sociofuncionalista costumam seguir passos de análise que podem ser, grosso modo, assim sintetizados:¹⁰ (i) identificação de situações de uso linguístico variável dentro de um domínio funcional; (ii) operacionalização da noção laboviana de variável, isolando formas variantes que desempenhem uma mesma função dentro

⁹ Uma lista mais completa de postulados da sociolinguística e do funcionalismo que apresentam similaridades pode ser conferida em Tavares (2003, 2013) e Tavares e Görski (2013). Nesses textos, também são abordados postulados de ambas as teorias que são de difícil convergência ou mesmo divergentes, e são propostas sugestões de estratégias que o pesquisador pode adotar para lidar com tais postulados. Em Tavares (2003, 2013), pode ser conferida uma discussão epistemológica acerca do *locus* ocupado pelo sociofuncionalismo na pesquisa linguística.

¹⁰ Do ponto de vista da perspectiva de análise, os trabalhos sociofuncionalistas podem ser sincrônicos, diacrônicos, ou podem associar as duas perspectivas numa abordagem pancrônica, questão que não vamos aprofundar aqui.

de um domínio funcional; (iii) testagem de grupos de fatores diversos para identificar os contextos (linguísticos, discursivos, estilísticos, sociais) de uso das formas; (iv) detalhamento de cada grupo de fatores buscando captar variações e mudanças em curso ainda sutis (considerando inclusive sobreposição de funções), e posterior amalgamação de fatores em busca de generalizações; (v) interpretação da frequência das formas em determinados contextos como indício de: (a) perda de espaço de uma das variantes, (b) generalização de significado (os itens expandem seus contextos de uso), ou (c) especialização de uso (os itens adquirem significados mais específicos restritos a certos contextos dentro do domínio). (adaptado de Tavares e Görski, 2013)

A abordagem sociofuncionalista traz, para o tratamento da variação linguística, um controle bastante refinado de grupos de fatores linguísticos, com a inclusão de restrições de natureza discursivo-pragmática (planos discursivos, status informacional dos referentes, graus de integração etc.), que podem receber, de início, tratamento analítico escalar, sujeito a posteriores amalgamações. Além disso, é possível, para o pesquisador que assume um olhar sociofuncionalista, a observação do aspecto social da variação e da mudança de modo mais preciso, incorporando em seu estudo, por exemplo, fatores interacionais ligados à negociação entre falante e ouvinte na situação comunicativa.

A título de ilustração, sintetizamos aqui as estratégias adotadas por Reis (2003) para o controle de grupos de fatores discursivo-pragmáticos que envolvem crucialmente aspectos relativos à negociação falante-ouvinte. Reis (2003) analisa atos de fala não declarativos de comando na expressão do imperativo, considerando a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista. O *corpus* examinado consiste nas situações dialogais presentes no romance *As Vinhas da Ira* (escrito por John Steinbeck em 1939 e traduzido para o português por Herbert Caro e Ernesto Vinhaes em 1940). A autora investiga a hipótese de correlação entre o grau de força manipulativa e o uso das variantes verbais indicativa e subjuntiva para expressar o modo imperativo. Buscando captar o gradiente de manipulação, utiliza a seguinte estratégia metodológica: testa, inicialmente, um conjunto de variáveis independentes de natureza funcional e, na sequência, agrupa essas variáveis na composição de uma variável complexa denominada *graus*

de força manipulativa, atribuindo uma pontuação a cada fator, de modo que o somatório da pontuação dos fatores resulte num índice numérico que é atribuído a cada uma das ocorrências em análise (cf. Quadro 1).

A = Marcas de polidez: ausência = 1 presença = 0
B = Menção explícita do manipulado: ausência = 1 presença de vocativo = 0,5 presença de sujeito mitigado = 0
C = Definitude do manipulado em relação à pessoa que fala: imperativo canônico = 1 imperativo jussivo = 0,5 imperativo hortativo = 0
D = Proibitividade do imperativo: não proibitivo = 1 proibitivo = 0
E = Dinamismo da situação: movimento externo = 1 estado externo = 0,5 movimento interno = 0
F = Previsibilidade da 'mudança-de-estado-de-coisas': futuro [± imediato] = 1 futuro indeterminado = 0,5 não previsibilidade = 0
G = Estatuto verbal de imperativo: verbo pleno = 1 verbo não pleno = 0
H = Simetria das relações sociopessoais ¹¹ : M > m = 2 M = m = 1 M < m = 0 M = manipulador; m = manipulado.

Quadro 1: Distribuição da pontuação escalar de cada fator das variáveis controladas para a composição da variável complexa *Graus de força manipulativa*

Fonte: Adaptado de Reis (2003, p. 155).

Exemplificamos, a seguir, casos de grau máximo e grau mínimo de manipulação (REIS, 2003, p. 155-156):

¹¹ A variável *simetria das relações pessoais*, considerada a mais significativa para o fenômeno investigado, recebeu de zero a 2 pontos; as demais, de zero a 1 ponto.

(1) Vamo, LEVANTA e VEM me ajudar a preparar o lugar de avó.
(M/Ro:147,82)¹²

No primeiro enunciado: não há marcas de polidez (1); não há menção explícita do manipulado (1); as duas formas verbais são de imperativo canônico (1); o imperativo não é proibitivo (1); os movimentos são externos (1); a ‘mudança-de-estado-de-coisas’ se dá num futuro [+imediato] (1); o estatuto verbal é pleno (1); a relação sociopessoal é de superior (mãe) para inferior (filha) (2). Pontuação = 9 pontos.

(2) OLHA, mãe, a senhora NÃO SE PREOCUPE, ouviu?
(T/M:100:54)

No segundo enunciado: há marca de polidez (0); há menção explícita do manipulado (0); a forma verbal é de imperativo canônico (1); o imperativo é proibitivo (0); os movimentos são internos (0); não há ‘mudança-de-estado-de-coisas’ (0); o estatuto verbal é não pleno (0); a relação sociopessoal é de inferior (filho) para superior (mãe) (0). Pontuação = 1 ponto.

A variável complexa passa a ser constituída por nove fatores numéricos que correspondem a pontos numa escala gradiente, de modo que o grau máximo de força manipulativa é 9 e o grau mínimo é 1. Os resultados (considerando-se que alguns fatores foram amalgamados por escassez de dados e por terem recebido percentuais aproximados) encontram-se na tabela a seguir.

Graus	Aplicação/Total	%	P.R.
9	189/220	86	0,66
8	142/191	74	0,48
7, 6, 5, 4	90/141	64	0,36
3, 2, 1	9/28	32	0,13

Tabela 1: Graus de força manipulativa sobre a variante *indicativa*

Fonte: Reis (2003, p. 157)

Os resultados atestam a hipótese norteadora da pesquisa de Reis (2003), uma vez que a ordenação de graus de força manipulativa

¹² Os códigos iniciais indicam os participantes da interação (ex.: M/Ro = mãe e a filha Rosasharn); os códigos numéricos indicam a localização da ocorrência no *corpus*.

corresponde a uma distribuição igualmente ordenada nos percentuais e nos pesos relativos associados: em termos polarizados, quanto maior a força manipulativa, maior a tendência de uso da forma verbal indicativa (0,66); quanto menor a força manipulativa, maior a inclinação para o uso da forma subjuntiva (0,87).

O tipo de tratamento analítico aqui ilustrado possibilita uma dupla testagem de fatores condicionadores, primeiramente tomados como variáveis independentes isoladas (para verificar a atuação de cada uma delas sobre o fenômeno estudado), e posteriormente agrupados numa única variável complexa escalar (para averiguar uma possível correlação entre o *continuum* num domínio funcional – no caso em foco, os graus de manipulação – e as tendências de uso das formas variantes que disputam a representação daquele domínio – no caso, as formas verbais indicativa e subjuntiva para expressar o modo imperativo. Essa dupla testagem oferece ao pesquisador não só informações acerca do papel de cada uma das variáveis independentes e da participação de cada uma delas na variável complexa, mas também subsídios para avaliar qual o resultado mais significativo, indicando o melhor caminho para conduzir sua análise.

Vale enfatizar que, enquanto o caráter discreto das categorias e/ou das variáveis é privilegiado na abordagem sociolinguística (associado ao menor número possível de fatores), o caráter *continuum* das categorias e/ou das variáveis é a menina dos olhos na abordagem funcionalista (associado a um número maior de fatores, de forma a se captar nuances de variações e mudanças ainda sutis, e de possibilitar a análise de dados e categorias marcados por sobreposição e/ou indistinção funcional).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foram desenvolvidas algumas reflexões de natureza teórico-metodológica com vistas à construção de uma interface sociofuncionalista ancorada em pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico. Nesse sentido, foram, inicialmente, apontados: (i) alguns aspectos que poderiam se constituir em obstáculos para uma aproximação entre essas duas áreas – de um lado, a não simpatia de Labov por hipóteses funcionalistas; de outro, a concepção funcionalista de relação biunívoca entre forma e função; e (ii) outros aspectos

que permitiriam uma aproximação – na ala sociolinguística, o interesse por fenômenos gramaticais de níveis mais altos; na ala funcionalista, o afrouxamento da iconicidade na gramática com aceitação de uma forma com mais de uma função e vice-versa; e o compartilhamento acerca do caráter universal dos princípios, vistos em termos de tendências e não de categoricidade, admitindo-se a ideia de motivações em competição.

Na sequência, foram elencados vários pressupostos que se mostram convergentes em ambos os quadros teóricos, dentre os quais se destacam: o caráter inerente da variação linguística; a centralidade atribuída à língua em uso; o papel de destaque atribuído à mudança linguística, vista como um processo gradual e contínuo que se espalha ao longo do espectro social; a importância metodológica de se combinarem análises sincrônicas e diacrônicas, em consonância com o princípio do uniformitarismo; a importância atribuída à frequência de uso e ao tratamento empírico com quantificação estatística; e o papel de fatores de natureza interacional na variação e mudança linguística.

Por fim, foram enumerados os passos metodológicos normalmente seguidos numa abordagem sociofuncionalista, com ênfase no controle refinado de fatores de natureza discursivo-pragmática e na sua operacionalização, mediante a formulação de variáveis independentes que, posteriormente, podem se agrupar constituindo uma variável complexa, aplicável a fenômenos que apresentem comportamento escalar. A título de ilustração, foi apresentado o procedimento metodológico adotado por Reis (2003) para o controle da variável complexa *graus de força manipulativa*, usada em seu estudo sobre atos de fala não declarativos de comando na expressão do imperativo.

Finalizamos destacando que, embora haja muito ainda a ser discutido sobre a associação de pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e do Funcionalismo, os desdobramentos da interface sociofuncionalista prometem ser cada vez mais frutíferos e instigantes para o estudo de fenômenos de variação e mudança linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLINGER, Dwight. *The form of language*. London: Longmans, 1977.

BORGES NETO, José; MULLER, Ana Lúcia de P. Linguistas ou camaleões? Uma resposta a Tarallo. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.3, n.1, p. 85-95, 1987.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based models in linguistics. Entrevista de Tiago Timponi Torrent. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 1-6, 2012.

_____; HOPPER, Paul J. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul J. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 01-24.

_____; HOPPER, Paul J. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

CAMACHO, Roberto G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2003. p. 55-65.

GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, Talmy (Ed.). *Syntax and semantics 12: discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979. p. 81-112.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. *Syntax*. v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

_____. *Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

GÖRSKI, Edair M. Mesa-redonda: Sociofuncionalismo. *XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE*. Natal, UFRN,

04-07 de setembro de 2012.

GUY, Guy R. Form and function in linguistic variation. In: GUY, Guy R.; FEAGIN, Crawford; SCHIFFRIN, Deborah; BAUGH, John (Eds.). *Towards a social science of language*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 121-252.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

_____; KUTEVA, Tania. *Language contact and grammatical change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. *BLS*, v.13, p. 139-157, 1987.

_____; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HUDSON, Richard. Inherent variability and linguistic theory. *Cognitive Linguistics*, Berlin, v.8, n. 1, p. 73-108, feb. 1997.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christine B.; TUCKER, G. Richard (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003 [1969]. p. 234-250.

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, v. 44. 1978.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (Eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta P.; CARDOSO, Caroline R. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Entrevista com William Labov: sociolinguistics by its creator. *Revista Letra Magna*, v.2, n.2, 2005. Disponível em <www.letramagna.com.br> Acesso em: 05/11/2007.

_____. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LICHTENBERK, Frantisek. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 37-79.

LINDBLOM, Björn. Phonological units as adaptive emergents of lexical development. In: FERGUSON, Charles; MENN, Lise; STOELGAMMON, Carol (Eds.). *Phonological development: models, research, implications*. Timonium, MD: York Press, 1992. p. 131-163.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion Éditeur, 1948 [1912].

NEVALAINEN, Terttu; PALANDER-COLLIN, Minna. Grammaticalization and sociolinguistics. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 118-129.

NEVES, Maria Helena de M. Estudos funcionalistas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, n. esp., p. 71-104. 1999.

PIERREHUMBERT, Janet B. Knowledge of variation. *CLS*, v.30, p. 232-256, 1994.

POPLACK, Shana. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 209-224.

REIS, Mariléia S. dos. *Atos de fala não declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Sociolinguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa

Catarina, Florianópolis.

SILVA, Gisele M. de O.; SCHERRE, Maria Marta P. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

TAGLIAMONTE, Sali A. Comparative sociolinguistics. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SHILLING-ESTES, Natalie (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Cambridge: Blackwell, 2002. p. 729-763.

TARALLO, Fernando. Zelig: um camaleão linguista. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.2, n.1, p. 127-144, fev. 1986.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Sociolinguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista*. Natal: EDUFRN, 2013. (no prelo)

_____; GÖRSKI, Edair M. Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista. 2013. (capítulo de livro em avaliação para publicação)

TORRES CACOULLOS, Rena. Variation and grammaticalization. In: DÍAZ-CAMPOS, Manuel (Ed.). *The handbook of Hispanic sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 2011.

TRAUGOTT, Elizabeth. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, Donka; STOCKWELL, Robert (Eds.). *Studying the history of the English language: millennial perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 19-49.

_____; KÖNING, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE,

Bernd (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 189-218.

WATT, D. Variation and the variable. In: LLAMAS, Carmen; MULLANY, Louise; STOCKWELL, Peter (Eds.). *The Routledge companion to sociolinguistics*. New York: Routledge, 2007. p. 3-11.

WEINER, E. Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, v.19, p. 29-58, 1983 [1978].

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].